Laura Bellini

Registrados no Mesmo Endereço



Um apartamento pode ser vendido.
Um futuro juntos precisa ser escolhido.

Registrados no Mesmo Endereço

Um apartamento pode ser vendido. Um futuro juntos precisa ser escolhido.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903148

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Quatro semanas 13
Capítulo 2 - Limites invisíveis 24
Capítulo 3 - A rachadura sob a tinta 36
Capítulo 4 - As coisas que não dissemos 47
Capítulo 5 - O direito de dizer não 58
Capítulo 6 - A luz entre nós 68
Capítulo 7 - Do outro lado do beijo 78
Capítulo 8 - Um lugar para dois 88
Capítulo 9 - O preço do risco compartilhado 99
Capítulo 10 - Sem uma distância segura 111
Capítulo 11 - O que eu realmente preciso 123
Capítulo 12 - Dois planos diferentes 134
Capítulo 13 - Um prazo que não pode ser adiado 145
Capítulo 14 - A verdade tem seu preço 156
Capítulo 15 - Tudo o que você não me contou 166
Capítulo 16 - O lugar vazio à mesa 179
Capítulo 17 - Uma porta só minha 189
Capítulo 18 - Um novo endereço 199
Capítulo 19 - O que realmente nos pertence 210
Capítulo 20 - O endereço que escolhemos 222

INTRO

A primeira coisa que fiz ao entrar no apartamento foi abrir todas as janelas. A segunda foi guardar na bolsa uma chave antiga que eu carregava no chaveiro havia sete anos, embora há muito tempo ela já não servisse na fechadura.

Gdańsk tinha cheiro de chuva, de pedras molhadas nas ruas e de um mar que não se podia avistar daquela parte de Wrzeszcz. Uma fina camada de poeira havia se acumulado no parapeito da janela. Sob meus dedos, senti uma irregularidade na madeira, exatamente no lugar onde certa vez eu havia derramado vinho tinto. Limpei a mancha na manhã seguinte, mas a marca deixada por uma lixada vigorosa demais continuava ali.

Eu não pretendia passar aquele dia relembrando o passado.

Tinha voltado para vender o apartamento.

Eu estava com trinta e seis anos, tinha minha própria imobiliária, um financiamento de uma pequena sala comercial e experiência suficiente para saber que o apego sentimental era o adicional mais caro de qualquer transação. Nos últimos meses, havia encerrado a sociedade com meu sócio, assumido as obrigações financeiras dele e desistido das férias para as quais vinha economizando havia dois anos. A venda da minha parte no apartamento deveria me permitir organizar as finanças e, pela primeira vez em muito tempo, parar de conferir o saldo bancário antes de cada transferência mais alta.

Por isso, espalhei sobre a mesa o plano de preparação do imóvel para as visitas dos possíveis compradores. Quatro semanas. Era o prazo que eu havia estabelecido para

transformar o apartamento em um imóvel de apresentação, providenciar fotografias profissionais e começar as conversas com os interessados.

Tudo estava calculado.

Exceto por uma pessoa.

— Você ainda organiza as canecas por ordem de altura?

A voz veio do corredor. Não precisei me virar para saber quem estava atrás de mim.

Norbert Rogowski.

Durante três anos, dividimos aquele endereço. Primeiro como dois conhecidos que haviam sido aproximados pelo acaso e por um aluguel alto demais. Depois como coproprietários, quando a antiga dona decidiu vender o imóvel e nós cometemos a loucura de comprá-lo juntos.

Não éramos um casal.

Naquela época, eu repetia essa frase com mais frequência do que a situação exigia.

— Só quando sei que alguém vai tentar mudar todas de lugar — respondi, sem levantar os olhos dos documentos.

Ouvi sua risada. Grave, breve, desprovida daquela cordialidade artificial que, depois de alguns anos trabalhando com clientes, eu havia aprendido a esperar das pessoas.

— Então nada mudou.

Eu me virei.

Norbert tinha quarenta anos, cabelos escuros com os primeiros fios prateados nas têmporas e a mesma capacidade irritante de parecer à vontade até em situações nas quais outras pessoas se sentiriam deslocadas. Vestia

uma camisa azul-marinho com as mangas dobradas. Notei em seu antebraço uma marca clara de um corte recente.

Em uma das mãos, segurava uma sacola de papel de uma padaria. Na outra, uma pequena caixa de ferramentas.

— Muita coisa mudou — respondi.

Seu olhar passou do meu rosto para os documentos cuidadosamente organizados.

— Estou vendo.

Ele não perguntou se podia entrar. Tinha exatamente o mesmo direito que eu de estar naquele apartamento. Mesmo assim, parou na entrada da sala, como se esperasse um convite.

Aquele pequeno gesto me irritou mais do que teria irritado uma entrada sem cerimônia.

— Hoje precisamos discutir os preparativos — lembrei.

— Eu sei. Foi por isso que vim.

Ele colocou a sacola sobre a bancada da cozinha e tirou dois croissants.

— Não tomei café da manhã — falei automaticamente, antes de perceber que ele nem sequer havia perguntado.

— Eu me lembro.

Colocou um deles em um pratinho. Não tocou no outro.

Por alguns instantes, observei suas mãos. Estavam sempre um pouco castigadas pelo trabalho, mesmo quando ele vestia um paletó elegante. Como restaurador de móveis, Norbert era capaz de passar horas trabalhando em um único detalhe que provavelmente ninguém além dele perceberia. Eu costumava dizer que ele desperdiçava tempo. Ele

respondia que nem tudo o que tinha valor podia ser avaliado pelo preço do metro quadrado.

E agora era exatamente isso que eu pretendia fazer.

— Preparei um cronograma — anunciei, apontando para os documentos. — Na segunda-feira, vem a equipe de pintura. Na terça, o fotógrafo vai fazer as primeiras fotos. Depois vamos trocar a iluminação, renovar o piso e colocar alguns móveis neutros.

Norbert se aproximou da janela.

— Neutros?

— Móveis que não imponham aos compradores a história de outra pessoa.

— Ou seja, bege.

— Ou seja, adequados.

Ele olhou para mim por cima do ombro.

— Paulina, este apartamento tem personalidade própria.

— Personalidade não paga as parcelas do financiamento.

Falei de maneira mais ríspida do que pretendia. Norbert não respondeu imediatamente. Passou os dedos pela moldura de madeira da janela e depois olhou para o espaço vazio junto à parede, onde antes havia uma cômoda comprida.

— Você levou a cômoda? — perguntou.

— Vendi depois que me mudei.

— Uma pena.

— Eu precisava de espaço.

Ele assentiu. Não tentou me convencer de que eu havia tomado a decisão errada. Norbert tinha seus defeitos, mas

sabia respeitar os assuntos sobre os quais eu não queria conversar.

Tirou uma folha dobrada do bolso.

— Eu também preparei um plano.

Claro que havia preparado.

Peguei o papel e o abri sobre a mesa. Vi um esboço da sala feito à mão, com as medidas das paredes e a disposição dos móveis. Perto da janela, ele havia desenhado uma poltrona de encosto alto, com uma luminária e uma pequena mesa ao lado. Na parede oposta, indicara uma estante. Tudo parecia surpreendentemente bom.

— Onde você vai conseguir essas peças? — perguntei.

— Já tenho a maioria.

— Na oficina?

— Algumas.

Percebi uma breve hesitação.

— Norbert?

— Trouxe algumas peças antes. Estão no quarto dos fundos.

Olhei na direção da porta fechada.

Naquele instante, lembrei-me de uma mensagem que ele havia me enviado três semanas antes. Pedira que eu não contratasse a retirada de todos os móveis do apartamento porque precisava resolver primeiro algumas questões relacionadas a eles. Presumi que estivesse falando da retirada de objetos que haviam ficado para trás depois da nossa mudança.

— Quantas peças?

— Venha, vou mostrar.

Ele abriu a porta.

O cômodo que eu pretendia transformar em um quarto-modelo claro e acolhedor parecia uma pequena oficina. Encostados nas paredes, havia cadeiras de madeira, uma cristaleira parcialmente restaurada e duas mesinhas. Um tampo repousava sobre cavaletes, e ao lado estavam algumas latas de óleo para madeira. Tudo estava organizado, mas o ambiente não tinha condições de ser fotografado nem apresentado a possíveis compradores.

Perto da porta, vi uma placa antiga com o nome de sua oficina.

ROGOWSKI. RESTAURAÇÃO DE MÓVEIS.

— Este cômodo deveria estar vazio — falei baixinho.

— Eu sei.

— Quando pretendia me contar?

— Hoje. Antes de começarmos a mudar qualquer coisa de lugar.

Parei ao lado da cristaleira. Sobre uma de suas prateleiras de vidro havia um pequeno envelope com documentos, e debaixo de uma das cadeiras aparecia uma trena enrolada. Estava claro que Norbert vinha utilizando aquele quarto havia bastante tempo.

— Você deveria ter retirado os móveis antes do início dos preparativos.

— Eu não disse que tiraria tudo antes da nossa reunião de hoje.

— Mas sabia que estou planejando a venda.

— Sim.

A tranquilidade daquela resposta me deixou sem espaço para outra acusação.

Observei-o por um momento. De perto, percebi o cansaço escondido sob sua habitual serenidade. Lembrei-me da época em que ele conseguia voltar do trabalho depois da meia-noite e ainda passar uma hora falando sobre uma cadeira que havia encontrado em uma feira, como se tivesse descoberto um tesouro inestimável.

Houve um tempo em que eu gostava de ouvi-lo.

Talvez até demais.

— Preciso de uma resposta clara — falei. — Você concorda em preparar o apartamento inteiro para a venda?

Norbert olhou para o esboço que eu ainda segurava.

— Concordo em prepará-lo para as visitas durante quatro semanas. Só quero que usemos meus móveis em vez de alugar peças escolhidas ao acaso. E, antes que qualquer coisa saia daqui, precisamos acertar os prazos.

— Prazos de quê?

— De tudo o que me pertence.

O silêncio se instalou entre nós.

Não gostei de perceber que, de repente, sua proposta começava a fazer sentido. Os móveis eram lindos. Restaurados com sensibilidade, únicos, perfeitos para um apartamento com pé-direito alto e piso antigo de madeira. Poderiam me ajudar a conseguir um preço melhor.

Mas Norbert não havia vindo apenas para ajudar na decoração do imóvel.

— Podemos conversar sobre os prazos — respondi. — Mas não vou aceitar que a venda fique condicionada à sua oficina.

Ele me observou em silêncio por alguns instantes.

— Entendo.

Não soou como uma concordância. Parecia mais o reconhecimento de um limite que ele ainda não pretendia ultrapassar.

Deixei o esboço sobre o parapeito da janela. Quando fui pegar meu celular, Norbert afastou a caixa de ferramentas para abrir espaço para mim. Ficamos próximos, pela primeira vez desde que nos encontramos, sem a distância confortável da mesa entre nós.

Ele tinha cheiro de camisa recém-lavada, madeira e alguma coisa familiar que eu não conseguia identificar.

— Paulina — disse ele, em voz mais baixa. — Estou realmente feliz por você ter voltado.

Levantei os olhos.

Não havia provocação em seu rosto. Nenhum sorriso que pudesse transformar aquelas palavras em brincadeira.

A resposta me veio imediatamente à cabeça. Eu poderia dizer que tinha voltado exclusivamente por causa do apartamento. Que me esperavam quatro semanas de trabalho e que, depois disso, assinaríamos os documentos e cada um seguiria seu próprio caminho.

Em vez disso, perguntei:

— E se, desta vez, eu não quiser ficar?

Norbert não se afastou nem tentou me impedir de partir.

— Então vou ter que aprender a respeitar sua decisão — respondeu.

Fiquei olhando para ele, com o celular imóvel na mão.

E, pela primeira vez naquele dia, não pensei em quanto poderia ganhar com a venda do apartamento, mas em por que aquela era justamente a resposta que eu mais temia ouvir.

Capítulo 1 - Quatro semanas

Na manhã seguinte, cheguei ao apartamento às oito e quinze, munida de um notebook, um catálogo de amostras de cores e a determinação de não permitir que Norbert Rogowski assumisse o controle da venda do imóvel. A decisão parecia sensata até o momento em que vi, pela porta entreaberta, que ele já havia empurrado todos os móveis da sala para junto de uma das paredes.

Estava parado no centro do cômodo, vestindo uma camiseta cinza e uma calça de trabalho escura. Segurava um nível de bolha em uma das mãos. No chão, havia espalhado as folhas de papel que antes protegiam uma mesinha restaurada.

— Combinamos às nove — falei.

— São oito e quinze.

— Exatamente por isso estou chamando sua atenção.

Norbert olhou para o relógio.

— Cheguei mais cedo para você não precisar ver a pior parte da bagunça.

— Agradeço a intenção. Mas, da próxima vez, gostaria de saber o que você pretende mudar de lugar.

Ele deixou o nível de lado. Não parecia ofendido, o que me privou da satisfação de conquistar uma pequena vitória.

— Você tem razão. Eu deveria ter mandado uma mensagem.

Essa resposta eu não havia previsto.

Tirei o notebook da bolsa e me sentei à mesa da cozinha. Durante os sete anos em que ficamos afastados, eu havia

esquecido como era difícil discutir com ele quando, de repente, simplesmente parava de discutir. Norbert não precisava ter a última palavra. Precisava apenas sentir que seu ponto de vista havia sido compreendido corretamente.

— Gostaria de estabelecer algumas regras hoje — anunciei. — Quatro semanas de preparação e visitas. Nada de mudanças por conta própria, nada de despesas inesperadas e nada de transformar o apartamento em depósito.

— E eu gostaria que você não o tratasse como uma caixa vazia que precisamos entregar o mais rápido possível ao próximo proprietário.

Olhei para ele por cima da tela.

— É exatamente disso que se trata a venda de um apartamento.

— De vender, sim. Não de fingir que ninguém nunca viveu aqui.

— Os compradores não pagam pelas nossas lembranças.

— Não estou dizendo que deveriam pagar.

Ele se aproximou da janela e apontou para um trecho da parede onde o sol da tarde costumava formar uma faixa larga e dourada.

— Lembra por que escolhemos justamente este apartamento?

Eu me lembrava perfeitamente. Fizemos a visita numa tarde de novembro, enquanto uma neve úmida caía do lado de fora. O corretor elogiava as opções de transporte e o pé-direito alto. Norbert parou junto à janela, estendeu a mão na direção da luz e disse que aquele lugar ficaria lindo quando alguém permitisse que ele respirasse.

Naquele momento, eu estava verificando as condições da instalação elétrica.

— Porque era mais barato do que outros imóveis semelhantes na região — respondi.

Ele sorriu.

— Claro.

— E tinha potencial de valorização.

— Naturalmente.

— Para com isso.

— Eu nem comecei ainda.

Contra a minha vontade, senti vontade de rir. Escondi rapidamente a expressão atrás da tela do notebook.

Norbert abriu sobre a mesa o desenho que havia preparado. Usar seus móveis realmente poderia ajudar na apresentação do imóvel. A poltrona restaurada, a cristaleira e a pequena mesa formavam um conjunto harmonioso. Não pareciam aqueles móveis de catálogo que se encontravam em centenas de anúncios semelhantes.

Mas havia outra coisa me preocupando.

— Quanto tempo você precisa para retirar as peças do quarto dos fundos?

Por um instante, ele alisou a borda do papel.

— Gostaria de deixar parte dos móveis lá até o fim dessas quatro semanas.

— Por quê?

— Não tenho espaço suficiente na oficina neste momento.

— Você pode alugar um depósito.

— Posso. Só que isso custa dinheiro, e esses móveis podem ser úteis aqui mesmo.

— Todos eles?

— Nem todos.

Afastei o notebook.

— Norbert, não vou apresentar aos compradores um apartamento em que um dos quartos parece uma marcenaria.

— Nem eu.

— Então?

— Me dê três dias. Vou organizar o cômodo, selecionar as peças que usaremos na decoração e retirar o restante das ferramentas. Só quero decidir pessoalmente o que precisa ser protegido antes do transporte.

Era uma proposta razoável. O problema era que três dias significavam alterar parte do meu cronograma.

— Os pintores chegam na segunda-feira.

— Hoje é quinta. Vou terminar antes de eles entrarem.

— E se não terminar?

— Nesse caso, pago o transporte adicional e o aluguel do depósito.

Observei-o com mais atenção.

— Vamos colocar isso por escrito.

— Imaginei que você diria isso.

Abri um documento e comecei a redigir as condições. Não se tratava de falta de confiança em Norbert como pessoa. Eu sabia que ele cumpria suas promessas profissionais. Minhas dúvidas eram sobre sua capacidade de

manter a objetividade diante de objetos pelos quais havia desenvolvido algum apego.

Eu tinha dúvidas semelhantes a respeito de mim mesma, embora não pretendesse expressá-las.

Uma hora depois, estávamos na sala, movendo retângulos de papelão que representavam a disposição dos móveis. Norbert sugeriu colocar a poltrona perto da janela, ligeiramente voltada para a estante de livros. Eu preferia posicioná-la mais perto da porta, porque assim o cômodo pareceria maior nas fotografias.

— Desse lugar, ela atrapalha a passagem — expliquei.

— Vinte centímetros.

— Na fotografia de interiores, vinte centímetros podem determinar a percepção de um ambiente inteiro.

— E, na vida real, ninguém se senta numa poltrona para fazer o cômodo parecer maior.

— Estamos vendendo um apartamento, não uma poltrona.

— Mas estamos mostrando como é possível viver nele.

Por alguns instantes, sustentamos o olhar um do outro.

Por fim, peguei o celular e tirei duas fotografias de teste. Na primeira, a poltrona estava posicionada conforme minha sugestão. Na segunda, conforme a de Norbert.

Examinamos as imagens.

A disposição escolhida por ele parecia melhor.

— Não diga uma palavra — avisei.

— Nem estava pensando nisso.

— Você está com uma expressão de quem acabou de vencer um processo judicial que se arrastava há anos.

— Simplesmente gosto quando os móveis ficam onde deveriam estar.

Ele empurrou a poltrona até o lugar marcado, e eu abri mais a janela. Um vento frio entrou, movimentando os papéis sobre a mesa. Uma das folhas caiu no chão. Nós dois nos abaixamos ao mesmo tempo para pegá-la, e nossas mãos ficaram muito próximas.

Norbert foi o primeiro a recuar.

— Pode pegar — disse.

Recolhi a folha, mais consciente de sua presença do que a situação justificava. Antigamente, conseguíamos passar noites inteiras no mesmo cômodo sem prestar atenção à distância que nos separava. Agora, cada aproximação acidental me lembrava que já não éramos as mesmas pessoas.

Antes do meio-dia, Marta, uma fotógrafa que eu conhecia, chegou para avaliar a iluminação e planejar a sessão de fotos. Tinha quarenta e dois anos, falava depressa e não costumava suavizar suas opiniões com fórmulas de cortesia.

Deu uma volta pela sala, olhou a cozinha e então parou diante da poltrona.

— Não mexam nessa — declarou.

Norbert ergueu as sobrancelhas.

— Ouviu? — sussurrou.

— Ouvi que temos uma ótima fotógrafa — respondi.

Marta nos observou, divertida.

— Vocês sempre conversam desse jeito?

— Só quando estamos sendo educados — respondeu Norbert.

— Nesse caso, tenho pena de vocês nos outros dias.

Durante a meia hora seguinte, discutimos as cores das paredes e os melhores ângulos para as fotografias. Marta sugeriu um branco quente em vez do tom frio que eu havia escolhido. Norbert concordou com ela, mas somente depois que a fotógrafa explicou como a luz influenciaria as imagens.

Quando Marta foi embora, eu havia tomado duas decisões que não pretendia tomar e estava cada vez mais convencida de que meu cronograma começava a ganhar vida própria.

O telefone tocou enquanto eu examinava as amostras de tinta.

Era Beata, minha contadora.

Afastei-me para a cozinha. A conversa durou alguns minutos e tratou de um pagamento atrasado de um cliente. O dinheiro deveria ter entrado duas semanas antes. Agora, descobríamos que a transferência seria adiada por mais um mês.

— Vou dar um jeito — garanti.

Quando desliguei, apoiei as mãos na bancada.

Eu não gostava de incertezas financeiras. Desde que havia assumido sozinha a administração da imobiliária, cada pagamento atrasado significava precisar adiar outros compromissos. Poderia recorrer à reserva financeira, mas ela estava diminuindo mais depressa do que eu gostaria de admitir.

— Está tudo bem?

Norbert estava parado na entrada da cozinha.

— Assuntos de trabalho.

— Não perguntei os detalhes.

— Ainda bem.

Ele assentiu, como se minha resposta fosse suficiente. Não tentou me consolar. Não ofereceu dinheiro nem uma solução para um problema que desconhecia.

Em vez disso, apontou para o croissant que havia trazido naquela manhã da padaria próxima.

— Coma alguma coisa antes de tomar mais decisões sobre os meus móveis.

— Isso é chantagem alimentar?

— É mais uma tentativa de evitar erros estratégicos.

Peguei o pratinho e me sentei à mesa. Norbert voltou para a sala, deixando-me sozinha.

Aquele gesto tão simples me comoveu de maneira inesperada. Nos últimos meses, eu havia me acostumado a pessoas que só se interessavam pelo meu bem-estar quando isso afetava seus próprios interesses. Ele percebeu que eu não havia comido e não esperava gratidão por isso.

À tarde, voltamos a acertar os detalhes. Concordei em utilizar seus móveis, com a condição de que todos os objetos continuassem sendo propriedade dele e pudessem ser retirados antes da entrega do imóvel ao comprador. Norbert aceitou sem fazer objeções.

Depois apresentou sua própria condição.

— Quero participar das decisões sobre a apresentação do apartamento. Não apenas como o homem responsável pelos móveis.

— Você é coproprietário. É claro que tem esse direito.

— Estou falando de uma participação de verdade, Paulina. Não de simplesmente assinar decisões já tomadas.

Fechei o notebook.

— Eu trabalho profissionalmente com venda de imóveis.

— Eu sei. E é justamente por isso que quero que você conduza todo o processo. Mas este também é meu patrimônio.

Não podia negar que ele tinha razão.

— Está bem. Vamos decidir juntos o preço, o anúncio e as condições de venda. Eu fico responsável pela preparação do material de divulgação. Você cuida dos móveis e participa das decisões sobre as alterações no apartamento.

— E se discordarmos?

— Vamos conversar.

Ele sorriu discretamente.

— Uma declaração corajosa.

— Não use isso contra mim.

Imprimi os termos numa pequena impressora que havia trazido do escritório. Norbert leu o documento com atenção, acrescentou uma observação sobre a responsabilidade por eventuais danos aos seus móveis e assinou abaixo do último item.

Seu sobrenome ficou logo abaixo do meu.

Por um momento, observei as duas assinaturas. Antigamente, elas haviam aparecido lado a lado no contrato de financiamento e na escritura notarial. Naquela época, eu acreditava que se tratava apenas de uma solução prática.

Agora, já não tinha tanta certeza de que nossas decisões conjuntas algum dia tivessem sido inteiramente desprovidas de sentimentos.

— Quatro semanas — disse Norbert, deixando a caneta sobre a mesa.

— Quatro semanas.

— Depois, cada um fará o que considerar melhor.

— Esse é o plano.

Ele se levantou e começou a recolher as ferramentas. Entretanto, parou perto da porta.

— Paulina?

— Sim?

— Não pretendo dificultar sua vida.

Olhei para ele.

— Espero que não.

— Mas não vou prometer concordar com você em tudo.

Aproximei-me.

— Nunca esperei isso de você.

Durante alguns instantes, ficamos frente a frente. Havia alguma coisa familiar e, ao mesmo tempo, nova em seu olhar. Como se tentasse descobrir se a mulher que conhecera anos antes ainda se escondia sob o cabelo cuidadosamente arrumado, o blazer elegante e a serenidade profissional.

— É bom ver você — disse.

Dessa vez, não me refugiei numa brincadeira.

— Também é bom ver você.

Ele respondeu com um sorriso e seguiu para o quarto dos fundos.

Fiquei sozinha à mesa, diante de um documento assinado por nós dois e com a consciência de que acabara de concordar com quatro semanas muito mais difíceis do que havia imaginado inicialmente.

Porque Norbert já não era apenas uma lembrança.

Ele estava novamente ocupando espaço no meu cotidiano.

E eu começava a suspeitar de que aquilo não tinha a ver apenas com o apartamento.

Capítulo 2 - Limites invisíveis

Na sexta-feira de manhã, recebi uma mensagem de Norbert com a fotografia de uma parte vazia do quarto dos fundos. Abaixo da imagem, ele escreveu: "Primeiro metro recuperado. Favor registrar no cronograma".

Só respondi depois de terminar uma reunião com uma cliente.

"Faltam aproximadamente onze."

O telefone tocou quase imediatamente.

— Você realmente calculou? — perguntou.

— Sou corretora de imóveis. Metros quadrados são minha especialidade.

— E eu achava que sua especialidade era dar ordens.

— Esse é um serviço adicional.

Ele riu e depois passou aos assuntos práticos. Queria saber se poderia levar para o apartamento uma luminária restaurada e uma mesinha. Concordei depois de ver as fotografias, mas lembrei que todos os objetos precisariam ser retirados antes da eventual entrega do imóvel.

— Lembro do que combinamos — respondeu.

— Prefiro ter certeza.

— Eu sei.

Depois que desligamos, fiquei olhando para a tela do celular por um longo momento. Perguntei-me por que uma simples troca de palavras conseguia melhorar meu humor mais do que a notícia da assinatura de outro contrato.